

A LITERATURA TRANS: UMA INTRODUÇÃO

Diana da Silva Rodrigues

Orientadora: Carla de Figueiredo Portilho

Mestranda

RESUMO: As literaturas de minorias sociais expressam a realidade de grupos específicos através de narrativas teóricas e/ou ficcionais. Retratando as narrativas de cunho LGBTQ+, a literatura queer vem crescendo desde a revolução de Stonewall, que ocorreu em Nova York em 1969, narrando questões de gênero e de sexualidade nos desenrolares das suas histórias. A fim de especificar a pesquisa apenas nas questões de gênero, focar-se-á apenas na literatura que apresente narrativas de personagens que questionem a imposição de gênero sobre seus corpos e que se enquadrem na perspectiva de gênero apresentado por Bornstein (1998), pela perspectiva histórica de Stryker (2008) e pela perspectiva literária introduzida por Berutti (2010). Através da relação entre gênero, sociedade e poder (LOURO, 2003), essas identidades (r)esistem nos estudos literários e nas narrativas que retratam o social (CÂNDIDO, 2006). Objetiva-se, pois, apresentar de forma introdutória a literatura Trans, sua teoria e o reflexo de suas narrativas na sociedade e o efeito reflexivo, assim como apresentar obras com essas narrativas nos diferentes gêneros literários e de origem em diversos países, com produção em diferentes línguas. Através das obras *Luna*, de Julie Anne Peters (2004), *A ressurreição de Júlia*, de Lorelay Fox (2016) e *A garota dinamarquesa*, de David Ebershoff (2016) verificaremos como essas personagens são construídas e como se desenvolvem ao longo das narrativas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Trans, Teoria Queer, Identidade de gênero.

Introdução

O seguinte artigo tem por objetivo explorar de forma introdutória o conceito de literatura Trans, visto que a teoria sobre o assunto não está diretamente inserida no campo literário e por isso o apanhado funciona como introdução, e seus desdobramentos nas obras *Luna*, de Julie Anne Peters (2004), *A ressurreição de Júlia*, de Lorelay Fox (2016) e *A garota dinamarquesa*, de David Ebershoff (2016), com base nos conceitos de gênero da perspectiva queer e na representação literária dessa parcela do coletivo LGBTQ+. Para tanto, o texto se desdobrará em quatro partes: a discussão sobre gêneros e identidades Trans iniciará o artigo, seguido pelo subcapítulo no qual se verificará como essas questões se relacionam com a

literatura; com esses ideais explicitados, se partirá para a análise das obras; e, por fim, as considerações sobre tudo o que preencheu este texto de conteúdo.

Transgredindo os gêneros

A construção de gênero, por muito tempo, foi associada ao sexo e, como este era socialmente separado em dois, da mesma forma foi o gênero. Com essa premissa social, mulher deve ser feminina, homem deve ser masculino, e que receba punição todas as outras possibilidades de expressão de gênero e de formação de sexo (FEINBERG, 2006, p. 205). A ideia da identidade Trans que é abordada nesta pesquisa está inserida no grupo de pessoas que transgridem essa norma de forma identitária.

Existem muitas formas de se transgredir ou de abolir os ideais de gênero estabelecidos na sociedade; expressões como *drag queens*, *drag kings*, *crossdressers*, *butches*, afeminados, entre outras, questionam e modificam a ideia de solidez da performance de gênero ser destinada a um ser ou a um grupo específico, porém o agrupamento que aqui se nomeia como Trans acolhe as descrições que Susan Stryker (2008, p. 18-19) faz de transexuais (pessoas que tem a inclinação a mudar a sua morfologia corporal a fim de viver integralmente como pertencente a um gênero diferente do que lhe foi designado) e de transgêneros (pessoa que se identifica com outro gênero diferente do que lhe foi designado, que tenta abolir os gêneros ou criar um novo), assim como qualquer outra identidade cultural que possua finalidade semelhante, como as Hijras indianas, Two-spirit norte-americanos e as Travestis brasileiras.

As diferenças entre essas classes podem ser um tanto quanto embaçadas, mas, com o intuito de elucidar as diferenças propostas aqui, considera-se como Trans, no que diz respeito a essa pesquisa, o ser que transita entre os gêneros binários, os aniquile ou extrapole no âmbito da sua identidade; por exemplo, figuras como Rupaul Charles, uma *drag queen* norte-americana de fama e carreira internacional, embora seja um personagem importante na quebra e no questionamento dos gêneros, só pratica esse trânsito de forma artística/profissional e não de forma identitária, constituinte de si, como faz a atriz e modelo Laverne Cox. O que se pretende apontar com esse levantamento é que nem toda ruptura na expectativa da performance de gênero irá necessariamente configurar o “ser trans”, visto que ser uma mulher lésbica masculinizada e ser um homem trans (seja transgênero ou transexual) não culminam no mesmo lugar.

É importante salientar que a perspectiva desta pesquisa não pretende delimitar um aspecto social, que é bem mais variável e transitável, tampouco determinar a identidade de indivíduos reais ou fictícios. O intuito é apenas delimitar uma parcela específica a ser analisada para que a pesquisa não fique muito abrangente ou, até, inalcançável. Esta pesquisa, inclusive, incentiva que cada indivíduo construa e entenda as suas identidades (Hall, 2006, p. 18-22) da forma que melhor lhe couber e, caso uma delas se assemelhe a qualquer tipo de transexualidade ou transgenerização, que se encontre nessa pesquisa uma literatura que a represente.

A literatura Trans

O conceito de ‘Literatura Trans’ abordado nesta pesquisa funciona de forma a relacionar o conceito de identidade Trans previamente abordado com as construções de personagens nas literaturas e, por esse motivo é feita a delimitação do tema a ser pesquisado, visto que nos estudos de gênero com a perspectiva literária (Soares, 2007, p. 7-9), com a perspectiva feminista (Scott, 1995, p. 71-74), ou com a perspectiva queer (Cromwell, 2006, 511-515), o termo gênero pode ser mais abrangente do que se pretende alcançar, logo, não são as questões de gênero de forma geral a serem percebidas aqui, mas a especificidade da identidade Trans e seu desenvolvimento na literatura.

Pensar a influência social na criação de personagens Trans pode levar a pesquisa para um lugar de incerteza, tendo em vista que não será possível afirmar com exatidão qual era o conhecimento do autor acerca do assunto tratado; entretanto, compreendo a construção de uma literatura Trans da mesma forma que Conceição Evaristo (2009) compreende a literatura afro-brasileira:

“Sem pretensão de esgotar a temática sobre o que seria a literatura afro-brasileira, as considerações aqui levantadas apenas buscam situar a existência de um discurso literário que, ao erigir as suas personagens e histórias, o faz diferentemente do previsível pela literatura canônica, veiculada pelas classes detentoras do poder político-econômico” (p. 19)

A autora aponta para o modo de criar narrativas com personagens que pertencem a minorias sociais, em seu caso a intersecção gênero/raça, que possam cair em estereótipos que provavelmente não seriam cometidos por pessoas pertencentes a essa determinada classe com consciência social e política disto, tendo em vista a subjetividade que passa por essa experiência:

Tenho concordado com os pesquisadores que afirmam que o “ponto de vista” do texto é o aspecto preponderante na conformação da escrita afro-brasileira. Estou de pleno acordo, mas insisto na constatação óbvia de que o texto, com o seu ponto de vista, não é fruto de uma geração espontânea. Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma “subjetividade” própria vai construindo a sua escrita, vai “inventando, criando” o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (ibidem, p. 18)

Com isso, não pretendo afirmar que apenas pessoas Trans são capazes de criar personagens Trans dignos de serem analisados; afirmo, porém, que estereótipos sociais referentes a qualquer classe minoritária da sociedade existem e, portanto, podem ser passados para a literatura. A criação de histórias e personagens Trans feita de forma a abranger o tema diferentemente do que a literatura que estereotipa essa classe vem fazendo é o alvo de agrupamento do que tenho chamado de literatura Trans.

Em suma, não se pretende abrigar obras que transpassam o seu gênero literário, como o romance/biografia *Orlando: a biography*, de Virginia Woolf (2015), ou personagens colocados como Trans, mesmo quando possuem problemas psicológicos que não se relacionam com a transexualidade, como o caso de Norman Bates em *Psycho*, de Robert Bloch (1960), mas construções de personagens que realmente reflitam o conceito identitário elucidado no início deste artigo e entendo que obras escolhidas o façam, como veremos a seguir.

“Ela é amapô de carne, osso, silicone industrial...”¹

Antes que se dê início à abordagem das obras em si, é importante destacar que todas as identidades Trans importam para esta pesquisa, mesmo que as personagens protagonistas das três obras sejam mulheres trans Male-to-Female (MTF). Indico àqueles que pretendam ler sobre outras identidades trans obras como *Mezcalero*, de T. E. Wilson (2015), *El beso de la mujer araña*, de Manuel Puig (2005) e *My Gender Workbook*, de Kate Bornstein (1998).

Na década de 1960, os bares que atendiam a população LGBT eram revistados pela polícia estadunidense, que espancava e encarcerava essa população, até que a situação foi

¹ O título é parte da música intitulada “Mulher” da cantora Mc Linn da Quebrada. Veja as referências bibliográficas ao final do artigo.

revidada em 1969, quando se travou uma luta da população LGBT (principalmente transgenders e drag queens) contra esses policiais transformando o dia 28 de junho de 1969 e o bar The Stonewall Inn no palco da primeira revolução LGBT contemporânea em busca de direitos sociais. O marco social atingiu diretamente a literatura estadunidense que ficou dividida em *pre-stonewall* e *post-stonewall* (Berutti, 2010, p. 35-39).

As obras foram escolhidas pelas suas questões diacrônicas, visto que *A garota dinamarquesa*, de David Ebershoff (2016), é baseado na história real de Lili Elbe, uma das primeiras pessoas transexuais a fazer a cirurgia de redesignação genital da década de 30; mesmo sendo escrita no período *post-stonewall*, a narrativa se passa no período anterior e não se desvincula totalmente dos fatos de seu período e da vida de Lili, ainda que o autor diga na nota do livro que a narrativa é fruto de sua criação e não seja uma biografia. A segunda obra é *Luna*, de Julie Anne Peters (2004), que se passa na sociedade norte-americana nos anos 2000 e não faz referência alguma ao período *pre-stonewall*. Por fim, o conto *A ressurreição de Júlia*, de Lorelay Fox (2016), um conto brasileiro escrito sob toda a influência dos debates e das teorias *queer* norte-americanas, assim como as teorias brasileiras e suas repercussões sociais, traz a adaptação do conto de fadas Chapeuzinho Vermelho para a realidade de travestis e transexuais.

A fim de situar o leitor acerca das personagens abordadas aqui, segue um pequeno sumário: Na obra *A garota dinamarquesa*, de David Ebershoff (2016), a personagem a ser observada é Einar/Lili, que é apresentada como um homem e tem seu trajeto narrado até a sua morte, passando pela descoberta de sua transexualidade. Já em *Luna*, de Julie Anne Peters (2004), a personagem Trans é Liam/Luna, que apesar de ter consciência da sua identidade transexual, não pode se expressar publicamente por ser menor de idade e não ter assumido essa identidade a seus pais, cabendo apenas ‘se montar’ a noite no quarto da irmã Regan, motivo pelo qual escolhe o nome Luna, “A garota que só pode ser vista a noite”² (Peters, 2004, p. 7). Enquanto em *A ressurreição de Júlia*, de Lorelay Fox (2016), Júlia é o alvo do foco, pois, mesmo que tenham outras personagens Trans que possam ser citadas, ela é a protagonista e a que tem mais aparições. Partindo dessas personagens, vejamos como suas personalidades se desenvolvem.

² “Luna,” she repeated softly, more to herself than me. “Appropriate, wouldn’t you say? A girl who can only be seen by moonlight?” - As traduções aqui feitas são de minha autoria, exceto quando explicitado em bibliografia ou notas.

A primeira coisa a ser observada nas obras é a dicotomia apresentada em algumas personagens. Tanto na obra de Ebershoff (2016) quanto na de Peters (2004), a personagem Trans apresenta uma ‘dupla personalidade’, na primeira Einar/Lili e na segunda Liam/Luna. Apesar de ser a mesma personagem, na obra é tratada como se fossem duas diferentes, sendo Einar/Lili abordada como antes antes/depois da transição, ou ainda, roupas masculinas/roupas femininas na sociedade civil. Na segunda, a dicotomia Liam/Luna é apresentada como público/privado, visto que a personagem não expunha publicamente essa parte da identidade na maior parte de obra. Essa dualização da personagem não se faz presente em Fox (2016), onde a personagem apresenta todas as características de transexual, mas sem apresentar a identidade masculina, ou seja, ela é apenas a Júlia, sem questionamentos.

Conforme apresentado previamente, a evolução temporal influencia bastante nas escolhas feitas pelo autor da obra e isso se reflete no fato de a obra que apresenta uma identidade única ser a mais recente³. O tratamento dessas personagens evolui de acordo com a época da obra, pois, mesmo que as duas primeiras apresentem a diferenciação de personalidade, isso ocorre de formas distintas. Einar/Lili, em sua narrativa, são duas pessoas diferentes e Lili chega a ser apresentada como prima de Einar. A separação é tão forte, que Greta, esposa de Einar, deixa um bilhete para Lili a convidando para uma festa e, ao ser questionado sobre o assunto, Einar se confunde por desconhecê-lo:

É tarde demais. Já disse a todo o mundo que você vai. Por favor, não se preocupe, todo o mundo acha que você é uma prima de Einar lá de Bluetooth.

(...)

Greta diz que sua prima vem de Jutland – disse Helene Albeck, secretária da Companhia de Comércio Real da Groenlândia. (...)

– Minha prima? – disse Einar, parecendo ficar confuso. Seu lábio superior se umedeceu e ele calou-se, como se houvesse desaprendido a falar. (EBERSHOFF, 2016, p. 27-28)

Diferente da obra anterior, Liam/Luna não é tratada como duas pessoas em separado, mas como alguém que foi registrado como Liam e, mesmo sabendo que é Luna, não pode demonstrar essa parte de si, portanto, a separação se dá no tratamento que a sua irmã (e narradora da história) lhe infere, sendo tratada como Liam na frente de seus pais e como Luna em privado.

Handing me the receiver, she asked, “Where’s Liam?”

³ Apesar da minha edição ser do ano de 2016, a obra foi escrita em 2000.

“She was still in the shower when I came up.” A surge of electricity charged the air. It wasn’t until Elise burred, “Hey, Regan,” in my ear, “can I ask you a favor?” that it hit me. What I’d just said. Maybe it was because Luna had been in my room sometime during the night and left a cloud of perfume behind, or my dream at dawn had deposited a strong visual. Before and after. Liam/Luna. The difference between them was beginning to blur.⁴ (PETERS, 2004, p. 56-57)

A personagem deixa claro na citação acima que ter chamado Luna de ela na frente da mãe foi um deslize que afetou o clima presente, mas, mesmo fazendo a separação Liam/Luna, não existe um fluxo de memória ou uma separação de personalidade, apenas uma diferença na apresentação social.

Conforme explicitado previamente, a obra mais recente não se importa em carregar essa divisão. A obra aborda uma personagem na mesma situação de Liam/Luna, por ser menor de idade e não poder fazer qualquer alteração corporal sem consentimento de um responsável, entretanto, Júlia recebe o tratamento no feminino e é chamada por esse nome por todas as personagens da obra, mesmo que alguns a agridam ou a olhem com preconceito por sua aparência andrógina, uma personalidade masculina não chega a ser evocada na obra.

Outro ponto importante, levando-se em conta a relação entre identidade e corpo presente na construção Trans, é como as personagens lidam com o seu modelo físico. Nas três obras as personagens em foco explicitam o desejo de fazer modificações corporais. Luna, em uma conversa com sua irmã, cita a cirurgia de redesignação genital:

Liam touched my shoulder. “Sorry. I should keep you filled in on the lingo. SRS: Sex Reassignment Surgery.”
I dropped the page. My brain engaged. “You mean a sex change operation?”
His smile extended across his face. Her face. Luna’s eyes grew dreamy. “Oh, Re. It’s all I’ve ever wanted my whole life. You know that.” (PETERS, 2004, p. 35-36)⁵

⁴ Me entregando o recibo, ela perguntou: “- Cadê Liam?”.

“-Ela ainda estava no banho quando eu levantei”. Um aumento de eletricidade repentino carregou o ar. Até Elise dizer “Hey, Regan” em meu ouvido “posso te pedir um favor?” eu não havia percebido. O que eu acabei de dizer. Talvez porque Luna tenha ido ao meu quarto durante a noite e deixou uma nuvem de perfume, ou meu sonho tenha depositado uma forte imagem. Antes e depois. Liam/Luna. A diferença entre eles estava começando a embaçar.

⁵ Liam tocou meu ombro. “- Desculpe, Eu deveria te inteirar da linguagem. CRG: Cirurgia de Redesignação Genital”.

“eu larguei a folha. Meu cérebro parou. “- Você quer dizer cirurgia de mudança de sexo?”. Seu sorriso se alargou no rosto dele. Rosto dela. Os olhos de Luna cresceram sonhadores. “- Oh, Re. É tudo o que sempre quis na minha vida inteira. Você sabe disso.”

Efetuar mudanças corporais, como a utilização de hormônios e/ou cirurgias, é um desejo recorrente na obra. Situação vivida semelhantemente por Júlia que obtém essa hipótese levantada por sua madrasta quando esta decide abandoná-la em outro lugar.

- Júlia, como seu aniversário está próximo, resolvi te dar um presente - declarou pausadamente a senhora, como quem recita uma oração ensaiada, sem emoção nem contato com um Deus. - Você poderá fazer sua cirurgia. Os olhos da menina se escancararam! Um rubor subiu a sua face e as mãos se agarraram à cadeira, os braços esticados rígidos.

(...)

Ambas transformadas depois do breve diálogo. Para a mais nova, o mundo subitamente se transformou. Esperava ansiosa a cirurgia há muito tempo, desde que se dera conta da sua condição. (...) (FOX, 2016, p. 168)

Apesar da promessa, a madrasta a droga e a abandona em outro estado sem dinheiro ou documentação para que virasse moradora de rua e, assim, poder ficar com todos os bens de seu falecido marido sem ter por perto a mulher mais bela da casa, que a lembrava todos os dias de como estava envelhecendo. A garota é acolhida em uma casa por sete travestis que a ajudam no desenrolar da narrativa.

A única personagem que efetivamente passa pela cirurgia durante a narrativa é Lili. A personagem passa por uma série de exames e modificações corporais: “A primeira operação foi um sucesso – começara o professor. – Foi até bastante simples, e a incisão está cicatrizando como deveria. – Descrevera a cirurgia feita naquele dia no anfiteatro de operações, onde antes da aurora Einar se tornara Lili”. (Ebershoff, 2016, p. 174). Apesar do sucesso da primeira cirurgia, outras ocorreram e se complicaram acarretando o que, no fim, aparenta ser a morte de Lili.

Lili teve a impressão de ouvir os guinchos exageradamente excitados dos menininhos trazidos pela brisa, só que isso era impossível; eles estavam longe demais. Mas ela ouviu um grito abafado em algum lugar; de onde veio aquilo? Os meninos pulavam na grama. O menino que segurava o carretel levou um soco de um dos colegas. Acima deles a pipa tremia ao vento; feito um morcego albino ou um fantasma, subia, caía e subia novamente, cruzando o Elba para buscar Lili. (EBERSHOFF, 2016, P. 174)

As três obras abordam a questão corporal de forma importante, seja nas cirurgias desejadas pelas personagens principais, seja pelo modelo de corpo transexual encontrado nas personagens secundárias, como a Terry Lynn para Luna ou os sete tipos diferentes de estrutura física encontrados nas sete travestis para Júlia, a transição entre um gênero e outro através do corpo é algo comunal nas narrativas.

Considerações transpolares

Seria um tanto quanto irônico usar um vocábulo tão definitivo como “final” depois de tanta transição e transformação entre os extremos dos gêneros. Portanto, seguem as considerações que transpassaram qualquer outra a fim de chegar a este ponto do texto.

As identidades sociais e a literatura não estão desvinculadas e desconexas, pelo contrário, a arte pode influenciar a sociedade da mesma forma que o social pode influenciar a arte (Candido, 2006, p. 28-29), de forma que o artista vai expressar a sua criação através da ótica que o rodeia e as narrativas Trans não estão distante disso. Conceber tais personagens possibilita a identificação de uma parte da população com a narrativa e a forma a qual esta criação se dará irá depender do intuito do autor ao inserir sua criatura na história, seja ela como heroína ou como monstro. Da mesma forma, não podemos ser inocentes ao ponto de acreditar que toda criação de uma narrativa Trans se dará a fim de trazer representatividade a este grupo social, uma vez que existem questões mercadológicas enxergando esse grupo como consumidores em potencial. Independentemente das intenções por trás da obra, essas criações artísticas existem e podem ser alvo de atenção não apenas literária, mas social, considerando-se as mudanças pelas quais as personagens Trans sofrem ao longo da história.

Esta pesquisa considera que a fragmentação da era pós-moderna (Hall, 2006, p. 16-17) na qual vivemos possibilita que vozes previamente silenciadas ganhem força para enunciar diferentes pontos de vista sobre si, assim, o grupo social aqui estudado ganha na literatura um ‘megafone’ que é utilizado como transformador da sua imagem, antes tida como doente e esquizofrênica (Stone, 2006, p. 223), em algo positivo e mais próximo do que a comunidade real enxerga de si. A literatura Trans, portanto, é uma categoria artística provedora de mudança social, seja influenciando a vida através de suas construções, seja captando as mudanças que já ocorreram e eternizando em si.

REFERÊNCIAS

- BERUTTI, Eliane Borges. *Gays, lésbicas, transgenders: o caminho do arco-íris na cultura norte-americana*. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2010.
- BLOCH, Robert. *Psycho*. New York: Crest, 1960.
- BORNSTEIN, Kate. *My Gender Workbook*. New York: Routledge, 1998.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul. 2006.

- CROMWELL, Jason. Queering the Binaries: Transsituated Identities, Bodies, and Sexualities. in STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen (org). *The transgender studies reader*. New York: Routledge, 2006. p. 509-520.
- EBERSHOFF, David. *A Garota Dinamarquesa*. Trad. Paulo Reis. Rio de Janeiro: Fábrica 231, 2016.
- EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Scripta, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.
- FEINBERG, Leslie. Transgender Liberation: A Movement Whose Time Has Come. in STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen (org). *The transgender studies reader*. New York: Routledge, 2006. p. 205-220.
- FOX, Lorelay. *A ressurreição de Júlia*. in BRESSANIN, Eduardo; et al. *Over the Rainbow: uma história de contos de fadxs*. São Paulo: Planeta, 2016.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Traduzido por Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HISTORY, Inter Trans Queer. *Lili Elbe's life*. Disponível em: <<http://www.lili-elbe-archive.org/>>. Acesso em: 04 out. 2017.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- PETERS, Julie Anne. *Luna*. New York: Little, Brown and company, 2004.
- PUIG, Manuel. *El beso de la mujer araña*. Buenos Aires: Editorial Planeta, 2005.
- QUEBRADA, Linn da. Mulher. In: QUEBRADA, Linn da. *Linn da Quebrada no Estúdio Showlivre (Ao Vivo) [Álbum digital]*. São Paulo: Estúdio Showlivre, 2017.
- SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Tradução por Guacira Lopes Louro. in Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, no 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.
- SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- STONE, Sandy. *The Empire Strikes Back: A Posttranssexual Manifesto*. in STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen (org). *The transgender studies reader*. New York: Routledge, 2006. p. 221-235
- STRYKER, Susan. *Transgender History*. New York: Seal Press, 2008.
- WILSON, T. E. *Mezcalero: A detective Sánchez novel*. Texas: Montezuma Books, 2015.



WOOLF, Virginia. *Orlando: a biography*. Adelaide: The University of Adelaide Library, 2015.